



Por Luís Alves*

O vírus da programação de uma nova economia europeia

Nestas semanas, é inevitável, a nossa nova normalidade é monotemática: um vírus, o organismo mais pequeno do planeta, da dimensão de uma centésima parte de uma bactéria, que é já uma vigésima parte da dimensão de uma célula animal que, em termos médios, tem uma centésima parte de um milímetro. Incapaz de ser protagonista de uma vida própria, é um parasita, explora as capacidades da célula onde atraca e sequestra o seu metabolismo para conseguir replicar-se. É, assim, um reprogramador do sistema operativo da célula, ditando-lhe como função a criação de cópias de si mesmo.

Da mesma forma, saltando para a nossa escala coletiva, a pandemia que vivemos tem também provisoriamente reprogramado o nosso espaço público, as formas de sociabilização e a atividade económica. A natureza disruptiva dos seus efeitos, deixarão, no entanto, marcas impressionantes no curso da história e acionarão o acelerador de mudanças na relação entre blocos geopolíticos, nas formas de organização das nossas sociedades, nos sistemas de produção ou nas formas de trabalho.

Desde logo, teremos uma crise global que, resultado de uma paragem forçada da atividade económica mundial, arrastará todos os países e setores em simultâneo numa recessão severa de dimensões nunca antes, nas nossas vidas,

experimentadas. Se percebermos que na Grande Depressão o PIB dos Estados Unidos caiu 26% entre 1929 e 1933, e que agora, segundo as projeções da Goldman Sachs, a recessão será de 24% apenas num trimestre, encontramos aqui bem um referencial da perplexidade da situação que enfrentamos.

“A Europa, apesar da natural impaciência e sentimentos de frustração que resultam de um processo de decisão que exige a consensualização, respondeu – ao contrário do que ocorreu na crise das dívidas soberanas – de forma rápida e contundente”

Na Europa, há hoje bem a consciência que não será possível a nenhum país sair do risco da espiral recessiva sem que os outros países europeus o consigam – arrisco dizer no momento em que escrevo com a confiança que o tempo até à publicação não o desminta. Se os provisórios encerramentos de fronteiras sustentaram os vaticínios de um suposto “regresso” ao Estado

Nação, é hoje, de forma ostensiva, ainda mais evidente que dependemos da nossa capacidade conjunta para superarmos com êxito as dificuldades desta crise e enfrentarmos com sucesso os desafios que se nos colocam: A escala continental é mesmo a única viável face à dimensão e transnacionalização dos nossos problemas; a União Europeia, o único instrumento verdadeiramente capaz de a materializar.

A Europa, apesar da natural impaciência e sentimentos de frustração que resultam de um processo de decisão que exige a consensualização, respondeu – ao contrário do que ocorreu na crise das dívidas soberanas – de forma rápida e contundente. O programa do BCE de 750 mil milhões euros de compra de dívida – lançado logo no primeiro momento – ou a flexibilização das normas do Pacto de Estabilidade – nunca antes sequer admitida – foram as mais expressivas e impactantes medidas que permitiram, ao tempo, as condições necessárias à implementação das ações que se impunham, em cada Estado-membro, para defender os empregos, as empresas e os rendimentos. Sabemos todos, no entanto, que estas respostas de emergência, ainda que imperiosas e muito significativas, não chegam face à dimensão dos desafios do nosso futuro coletivo. Exige-se, pois, um plano de relançamento económico ambicioso, dotado de mecanismos de financiemen-

to coletivos, com uma cobertura financeira mutualizada que sustente um plano de investimentos, não só para nos “resgatarmos”, mas também para nos projetarmos na liderança de uma nova economia digital, ambientalmente sustentável e socialmente justa.

Nessa “corrida” com a China e os Estados Unidos, a Europa não parte tão mal posicionada quanto, por vezes, ditam as nossas próprias percepções. A Europa é a maior economia do mundo, o maior mercado mundial, à frente dos Estados Unidos, é a segunda potência comercial do mundo, depois da China, é o principal parceiro comercial da China e dos Estados Unidos, tem a segunda moeda de reserva mais utilizada no mundo e ocupa posição cimeira na agenda climática.

É certo, a Europa perdeu a primeira batalha digital dos dados

personais. Apenas 4% dos dados europeus estão alojados em servidores da União e é manifesta e fragilizante a dependência de gigantes como a Amazon, Alibaba, Facebook, Google e Microsoft. A Europa tem estado também atrás no investimento numa agenda digital, mobilizando apenas metade dos recursos despendidos pela China e um quarto dos recursos aplicados pelos norte-americanos nestes domínios. No entanto, a Europa lidera na produção científica, sendo o berço de um terço dos artigos científicos mundiais, seguida muito proximamente pelos Estados Unidos, com 30%, e de uma mais distante China, com 12%. Também no 5G, ao contrário de ideias tão solidamente interiorizadas, a Europa é mesmo líder mundial, com 60% das patentes neste domínio, contra os 30% da China e apenas 10% dos Estados Unidos.

Na economia “que se segue”, os dados são mesmo a nova mais valiosa matéria-prima. Estar na frente da próxima revolução industrial exige a afirmação de uma “soberania” tecnológica e o controle da gestão dos dados, colocada ao serviço de uma estratégia de desenvolvimento que consuma menos energia, que produza mais limpo, que crie novos empregos, que seja mais justa, equitativa e consentânea com os valores com que gostamos de projetar a Europa.

Como transmiti num artigo anterior, a história é escrita pelos homens, mas os vírus participam muitas vezes na sua originalidade. Também este poderá ser o vírus da programação de uma nova economia europeia. ■

* Diretor da Agência Erasmus+ Juventude em Ação
E-mail: luis.alves@juventude.pt

PUB

Mark Making the way forward



Promovemos a transformação dos negócios e da sociedade, através de serviços e soluções inovadoras, colocando as pessoas no centro de tudo.

Bem-vindo a uma revolução tecnológica mais humana.

www.minsait.com

minsait

An Indra company